

PASSEIOS SONOROS COMO ESTRATÉGIAS CARTOGRÁFICAS DE IMERSÃO NO ESPAÇO URBANO

ANTONELLA DOS SANTOS PONS¹; EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU/UFPEL – antonella_pons@hotmail.com

²PROGRAU/UFPEL – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Na Arquitetura e no Urbanismo os processos de leitura, diagnóstico e planejamento urbano têm sido frequentemente mantidos presos às metodologias visuais de análise espacial. Como legado predominante do racionalismo moderno, o favoritismo pelo sentido da visão e o excessivo uso de imagens nos processos de projeto estão relacionados à compreensão do habitar como lugar de habitação (LEFEBVRE, 1978) em detrimento de seu sentido existencial. Os espaços da cidade são analisados, projetados e modelados sobre vistas superiores, planificações e imagens de satélite, conduzindo urbanistas à produção de esquemas impessoais fundamentados nas lógicas econômicas espetaculares (DEBORD, 1997), impregnadas pela alienação do sensível (SIMMEL, 1908).

Como sentido associado à percepção espaço temporal, a escuta tem contribuição fundamental sobre a relação humana com o território e a produção de espaço (BARTHES, 2009). Além disso, a paisagem sonora urbana, composta por milhares de sons e fontes heterogêneas, pode ser um fator revelador sobre as condições sociais que a produzem, bem como sobre o espaço e época em que vivemos, a contemporaneidade (AGAMBEN, 2009).

Partindo do agenciamento entre Urbanismo Contemporâneo, abordagens fenomenológicas da Arquitetura e Urbanismo (PALLASMAA, 2011) e os estudos da paisagem sonora (Ecologia Acústica), este estudo apresenta os *passeios sonoros* (SCHAFFER, 2011) como aporte metodológico empírico associado à superação do adormecimento sensorial e à subverção do espetáculo e consumo modernos, capaz de reunir corporalmente o urbanista ao seu plano de estudo, a cidade, amplificando a consciência de sua participação como planejador do espaço. A construção de estratégias de compreensão e imersão no espaço urbano por meio do som compõe o principal tema abordado na pesquisa de mestrado intitulada **Percursos Sonoros: cartografia sensível da paisagem sonora urbana**, em andamento no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, ao qual o presente trabalho está vinculado.

2. METODOLOGIA

Com base no Método da Cartografia proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari (ESCÓSSIA et al, 2010; DELEUZE; GUATTARI, 2000), para a realização deste estudo foram agenciados conceitos de forma circunstancial, possibilitando o encontro interdisciplinar entre os campos da Ecologia Acústica (estudos contemporâneos do som), Urbanismo Contemporâneo e Filosofia da Diferença. A partir da noção do rizoma, onde a organização do conhecimento é subordinada aos fenômenos observados, foi realizada revisão literária de autores influentes em

cada âmbito de estudo os quais pudessem contribuir com a temática abrangida, e a posterior articulação dessas discussões heterogêneas. Dentre os principais autores revisados encontram-se R. Murray Schafer – criador do conceito de paisagem sonora, Juhani Pallasmaa e Deleuze&Guattari.

Além disso, no contexto da pesquisa principal foram realizados passeios sonoros em um estudo de caso envolvendo a pesquisadora e um artista do som, buscando relações sensíveis entre corpo, paisagem sonora e ambiente urbano que pudessem contribuir com a construção de estratégias de compreensão e imersão na dialética urbana possíveis de serem utilizadas em processos de projeto por planejadores arquitetos e urbanistas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para além da preferência ocidental pelo sentido da visão, o adormecimento de nossas capacidades sensoriais é um mecanismo de enfrentamento dos intensos e constantes estímulos sensoriais vivenciados na cidade contemporânea, o qual SIMMEL (1908) chamou de atitude *blasé*. No entanto, a cidade deve ser experimentada por todos os sentidos, percorrida, caminhada, tocada, ouvida, sentida. O corpo integra esta experiência multissensorial que está em constante interação com o meio ambiente como único meio de acesso a ele (PALLASMAA, 2011). Através das sensações, que ressoam em nossos corpos por meio dos sentidos, somos levados a uma possível compreensão das relações entre corpo, paisagem sonora e ambiente urbano.

A experimentação da cidade por meio de percursos e errâncias é um tipo particular de apropriação do espaço público, resistente ao urbanismo totalitário e hegemônico, fundamentado na racionalidade técnica e em modelos ideais. JACQUES (2006) define o urbanista errante como aquele especialista urbano que, tomado por um devir errante, passa a se interessar pelas práticas, ações e percursos. Escolhe vivenciar a cidade por dentro (ou embaixo, conforme CERTEAU, 1998) em lugar de vê-la por cima, a partir de representações, planificações e mapas, característica da dominância visual difundida no urbanismo tradicional encoberta pela veneração de desenhos e imagens.

Os passeios sonoros desenvolvidos originalmente por SCHAFER (2011) sob o nome de *soundwalks* são procedimentos cartográficos que sucedem experiências de caminhar como prática crítica, estética e artística, propostas por autores como Michel de Certeau, Guy Debord (as *derivas* do movimento Internacional Situacionista), Francesco CARERI (2013) com o grupo Stalkers e Paola Jacques. Em primeira instância, designam uma prática metodológica empírica desenvolvida para identificar componentes e características da paisagem sonora existente através de percursos exploratórios. Podem ainda ser uma intervenção-composição, quando o caminhante produz sons durante o percurso com determinada intenção.

De acordo com WESTERKAMP (2006), *soundwalking* é uma prática que torna consciente nossa participação como ouvintes e produtores de sons na criação da paisagem sonora. Quando direcionados para os planejadores urbanos, por um lado, os passeios sonoros podem permitir a experimentação do saber inconsciente contido no ato cognitivo de ouvir; por outro, na medida em que objetivam escutar o meio ambiente e explorar a relação entre ouvido e paisagem sonora, além de aumentarem a percepção auditiva também despertam outros sentidos, estimulando a natureza multissensorial da interação entre corpo e meio ambiente.

Para SEMIDOR (2006), o passeio sonoro pode ser uma prática etnográfica de observação múltipla na qual o pesquisador ou planejador simultaneamente ouve, grava e toma notas sobre os espaços confrontados, levando em conta observações multissensoriais. Ainda, pode ser realizado por usuários para dar suporte a estudos qualitativos que investiguem a influência dos espaços construídos sobre a percepção da paisagem sonora e vice versa, ou agregar informações subjetivas a estudos objetivos do som, relacionados à Acústica tradicional. O importante é que tratam de uma abordagem positiva do ambiente sonoro (em contraste aos estudos que tratam de redução dos níveis de ruído ambiental) compreendendo o ambiente acústico como um campo de pesquisa no qual os sons possuem significados além de suas propriedades físicas, assim como códigos perceptivos que dizem respeito às suas relações individuais e culturais.

No caso da corrente pesquisa de mestrado, os passeios sonoros foram realizados experimentalmente pela pesquisadora arquiteta e urbanista em conjunto com um artista que utiliza o som em seu trabalho, e o faz no espaço urbano da cidade de Pelotas. A arte apresentou-se como mediadora entre a discussão conceitual e a vivência concreta de habitar a superfície estudada, uma vez que a cartografia como método não se realiza como um simples sobrevoo sobre o objeto investigado: é necessário compartilhar o território existencial da pesquisa. Além disso, o encontro pesquisadora-artista trouxe resultados mais complexos, e o esclarecimento do processo utilizado expôs as bases de ponderações do estudo.

Os sons durante os percursos foram simultaneamente observados e produzidos, posteriormente discutidos em entrevistas entre pesquisadora e artista, tendo sido compilados em bandas sonoras e mapas. As sensações percebidas foram registradas através de narrativas: o impacto dos motores à combustão, o excesso de informações sonoras observadas, a variação da paisagem sonora e a influência dos elementos físicos na sua propagação e recepção, além de sua relação com a memória afetiva dos usuários.

A difusão de sons na cidade está diretamente relacionada a elementos sobre os quais o arquiteto e urbanista atua e toma decisões: a morfologia do tecido urbano, as formas dos espaços – abertos, fechados, estreitos, largos – a textura de materiais de fachada, a altura dos elementos, etc. Os passeios sonoros iluminam a natureza dessas relações entre espaço físico e sons produzidos e podem fornecer dados relevantes sobre os desdobramentos das camadas entranhadas, invisíveis, mas não menos palpáveis, que compõem a cidade e a fazem ser o que é, um corpo. O emaranhado da paisagem sonora vai se desenhando conforme reverbera nas superfícies da cidade, refletindo expressões sonoras das forças sociais que a produzem. É precisamente neste corpo heterogêneo que o urbanista atua, por isso tão necessário se faz conhecê-lo.

Nesse caminho, a metodologia *soundwalking*, ou passeio sonoro, mostra-se eficiente não somente para ouvir e apreender aspectos da paisagem sonora, como também para sensibilizar e reintroduzir o corpo adormecido do urbanista, afastado pelo caos urbano e pelo culto à imagem. Como ferramenta metodológica alternativa pode vir a complementar ou por vezes superar o entendimento abrangido nos processos tradicionalmente utilizados por profissionais da arquitetura e do urbanismo.

4. CONCLUSÕES

Até aqui, observamos como os encontros com a cidade e seus sons por meio dos passeios sonoros criam novos territórios para o pensamento, enquanto espacializam e territorializam experiências corporais vivenciadas no espaço urbano. Por isso, apresentam-se como prática metodológica alternativa aos estudos urbanos tradicionalmente centrados em mapas representativos, vistas superiores e imagens de satélite, os quais fornecem ao planejador somente elementos capturados pelo plano da visão, excluindo-o do encontro multissensorial com seu plano de estudo. No decorrer da pesquisa de mestrado, os procedimentos cartográficos serão experimentados de forma a delinear aplicações práticas em casos de estudos específicos, explicitando processos utilizados. A partir da possibilidade do mergulho corporal em seu campo de estudo, os passeios sonoros são propostos aos profissionais arquitetos e urbanistas como estratégias alternativas ou complementares de análise e apropriação das camadas invisíveis, submersas nos planos tradicionais de compreensão da cidade. Portanto, as conclusões trazidas são parciais e apontam para os percursos a serem seguidos no decorrer da pesquisa principal à qual encontra-se vinculado este trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** E outros ensaios. Trad. Vinicius Nacastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BARTHES, R. **O Óbvio e o Obtuso.** Portugal: Edições 70, 2009.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** São Paulo: Ed. G. Gili, 2013.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**, vol. I: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo.** eBooksBrasil.com, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo, SP, Editora 34. 2000.

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. (orgs) **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

JACQUES, P. B. **Elogios aos errantes: a arte de se perder na cidade.** In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. Corpos e cenários urbanos. Salvador: Edufba, 2006

LEFEBVRE, H. **La revolución urbana.** Madrid: Gredos, 1978.

PALLASMAA, J. **Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos.** Porto Alegre: Bookman, 2011.

SEMIDOR, C. **Listening to a city with the soundwalk method.** Acta Acustica united with Acustica, 92(6), 959 – 964. 2006.

SCHAFFER, R. M. **A Afinação do Mundo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental.** In: VELHO, O.G. (org.) **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

WESTERKAMP, H. **Soundwalking as Ecological Practice.** The West Meets the East in Acoustic Ecology. Proceedings for the International Conference on Acoustic Ecology, Hirosaki University. Hirosaki, Japão, nov. 2-4, 2006.